

• **Cinema:** 'Um copo de cólera' é exibido no Festival de Berlim • 2

SEGUNDO CADERNO

• **Musical:** A história do século através de canções brasileiras • 6

QUARTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 1999

O 'cello' brasileiro

Jaques Morelenbaum refaz o trajeto que o levou do clássico à trilha de 'Central do Brasil'

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Se Villa-Lobos aproximou o violoncelo da cultura brasileira, Jaques Morelenbaum certamente completou seu trabalho. Despertou o interesse de apaixonados pelo instrumento no Brasil e no exterior como Tom Jobim, Egberto Gismonti, Ryuichi Sakamoto e Sting além de se tornar um dos maiores especialistas em cordas e um dos mais requisitados arranjadores do país. Nesta entrevista, ele fala sobre sua formação musical, seu trabalho com Gal Costa e Caetano Veloso e seu envolvimento com o cinema. Ele é um dos responsáveis pela trilha sonora de "Central do Brasil", de Walter Salles, e também de "O quatrilho" (Fábio Barreto), "Tieta do agreste" (Cacá Diegues) e da ainda inédita refilmagem de "Orfeu" de Cacá Diegues.

• **BERÇO:** Meus pais sempre consideraram a música como parte fundamental na formação do indivíduo. Lá em casa se falava muito da ligação da música tanto com o lado espiritual quanto com a matemática e as outras ciências. Meu pai (o maestro Henrique Morelenbaum) sempre foi professor de composição e contraponto e tinha esse enfoque. Ele era muito ocupado, mais ou menos assim como eu sou hoje. Durante a primeira infância eu tinha mais contato musical com a minha mãe, com a minha professora de piano Salomea Gandelman (mãe do saxofonista Leo Gandelman) e com a Esther Scliar, que me iniciou em música, uma das maiores feras que o Brasil já teve. Três mulheres! Esther era gaúcha e veio morar no Rio ainda novinha. Ela alugava um quarto na casa da minha avó e o pagamento era dar aulas para todos os netos, que aprendiam com a saudosa rainha da análise musical. O grande contato musical com meu pai acontecia quando viajávamos nas férias, nas andanças de carro a família toda cantando muito, aqueles cânones e muito improviso. Nessa época comecei a desenvolver o gosto pela criação, pela harmonização, o encaminhamento das vozes. Era tudo diversão. Acho que todo compositor é um improvisador. O ato de compor é improvisar. Depois é só registrar das mil maneiras possíveis. Uns registram na memória, outros numa fita ou numa mídia qualquer, e outros no papel. As formas de registro acabam sempre influenciando no resultado final da composição.

• **DE ERUDITO A POPULAR:** Meu caminho para o mundo da música popular brasileira foi o inverso da maioria. Como na infância as influências que vinham de casa eram totalmente voltadas para a música erudita, meus pais não tinham sequer discos de música popular. O universo da música erudita é tão grande, e a sede que eles tinham de ouvir e conhecer era maior ainda, que o tempo deles era todo preenchido por esse universo. Comecei a abrir os olhos para a música pop, de uma maneira geral, na escola, onde, eu sou de 54, todos só queriam saber dos Beatles e Rolling Stones e toda aquela explosão do rock dos anos 60. Aí entra o George Martin na história, eu tive uma identificação danada por causa do violoncelo, os arranjos... Meu objetivo sempre foi a criação, liberdade de expressão, poder dizer as minhas coisas e fugir um pouco daquela meta do músico erudito de ser apenas um intérprete das obras alheias. E uma vontade de vivenciar o mundo pop. Era uma barreira que eu não queria que existisse mas que existia na minha cabeça, forjada pelas circunstâncias da minha vida.

• **DESCOBRIMENTO DO BRASIL:** Na época do conjunto Barca do Sol todos nós tínhamos uma ligação forte com o rock e também um pé no Brasil. Tinha uma onda meio mineira que por sua vez também tinha seu pé no rock, a paixão pelo Milton, o pessoal do Clube da Esquina e a forte influência dos Beatles. Sou filho de imigrantes, meus quatro avós eram europeus, e só quando fui para os Estados Unidos pude perceber o quanto eu era brasileiro. Quando comecei com a Barca, essa questão de ser brasileiro, da música estar no sangue, do sangue estar no sangue, as influências africanas, tudo isso se tornou uma questão complicada na minha cabeça. Durante o período em que estudei fora a percepção de ser brasileiro ficou mais aguçada. Daí, a tamanha sede ao voltar ao Brasil que era meu, a que eu pertencia. Uma vontade muito grande de me expor, experimentar e estudar, de tocar com os cantores nordestinos, mergulhar a fundo na alma brasileira. *Continua na página 2*



JAKES MORELENBAUM: "Sou filho de imigrantes, meus quatro avós eram europeus, e só quando fui para os Estados Unidos pude perceber o quanto eu era brasileiro"

Ana Branco

PARQUE GRÁFICO

SEDE